



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Cleide Martins

São Paulo, 25 de maio de 2020.

Minhas queridas netas, Stela e Helena,

Estou escrevendo esta carta com a expectativa de que a leiam daqui a muito tempo, uns trinta a cinquenta anos, por aí...

Na data em que estiverem lendo, talvez vocês não se lembrem mais, ou se lembrem muito pouco de um período inédito que vivemos... espero que este relato sirva para ajudá-las a recordar, e que, tendo um certo distanciamento histórico possam avaliar se serviu para melhorar a vida no nosso planeta sufocado.

Estou falando do que se passa desde o início deste ano de 2020, quando você, Helena, tem 5 anos e você, Stela, 10 anos. Eu, que estou com 67 anos, e o vovô Eneas, com 70 anos, vivemos uma situação inédita: estamos com muito medo, pois nos sentimos ameaçados por um tal de coronavírus (foi assim que esse vírus foi batizado), causador da doença apelidada de Covid-19, que gosta de maltratar e até de matar as pessoas, principalmente os velhinhos, como nós.

Somos, eu e o vovô, considerados do “grupo de risco”. Isso quer dizer que, se formos contaminados pelo vírus, temos mais chance de morrer do que os mais novos. O risco é real, pois o índice de mortalidade dos infectados em geral (pelo que sabemos, pois não há certezas) é abaixo de 2 %, porém para maiores de 60 anos este índice sobe para 20%. Então, os infectologistas, a OMS (Organização Mundial da Saúde) e nossos governantes decidiram

Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

mandar todo mundo ficar em casa, isolados: as crianças, jovens e velhos, todo mundo! Ninguém pode ir para a escola, nem para o trabalho. Somente funcionam hospitais, supermercados e alguns serviços essenciais. Este período de isolamento chama-se quarentena, mas pode durar meses. A escola de vocês, como muitas, da pré- escola até as Universidades estão enviando as tarefas diárias de modo *on line*, como se faz o ensino à distância. Assim estamos, desde o início do mês de março até hoje, e parece que assim será, no mínimo, até meados de junho de 2020.

Claro que vocês amaram a ideia de ter papai e mamãe mais tempo dentro de casa. Mas, por outro lado, é muito estressante não poder sair na rua, brincar no *play ground*, e ainda mais considerando que seus pais, como está acontecendo com um grande número de profissionais, têm que dar conta dos compromissos de trabalho através do computador, em casa mesmo, o que chamamos de *home office*. Parece divertido, mas é muito difícil, um desafio.

Eu, o vovô, e os nossos sobrinhos que moram conosco, a Fernanda e o Vinicius, ficamos em nossa casa, na rua Caiuby, nas Perdizes. Estamos todos trabalhando em regime de *home office*, e além disso agora somos nós que temos que cuidar de tudo dentro da casa. Procuramos dividir as tarefas de limpeza, mas sobra para mim, por ser mulher, vejam só, fazer almoço, lanche e jantar! Espero que, quando lerem esta carta, tais valores tenham mudado, e homens e mulheres dividam igualmente a responsabilidade na cozinha... Não acho os trabalhos domésticos divertidos. Trabalhei fora de casa por mais de quarenta e cinco anos, e agora, aos 67 anos de idade, fica difícil encarar a rotina doméstica. Entretanto, cozinhar ajuda a ocupar a cabeça, a parar de ouvir as notícias dolorosas e também a desenvolver a criatividade para inventar pratos diferentes, experimentar receitas novas... e nisso me dou bem!



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

Nosso dia a dia mudou muito. Não posso mais ir à academia para fazer Pilates, não encontro as minhas amigas e os colegas de trabalho do Ideac. Mas, tendo de cuidar da casa, eu me recordei de como minha mãe nos ensinou (a mim e a minha irmã, a sua tia-avó Neide) cada tarefa; tínhamos que cozinhar, limpar, lavar e passar roupa desde pequenas, e ainda cuidar dos irmãos mais novos (eram três; Helio, Delso e Sidney). Meus pais tinham comércio, um bar e uma mercearia, e os dois trabalhavam juntos, desde a madrugada até o final da tarde, o que jogava sobre nossos ombros infantis muita responsabilidade. Nosso irmão mais velho, seu tio-avô Laercio, com 12 anos já trabalhava com os avós de vocês. Os três menores ficavam por nossa conta, junto com os serviços da casa - estou falando de quando tínhamos, eu, 6 anos e tia Neide, 9 anos.

Pois é, essa quarentena ampliada trouxe à minha mente a recordação de fatos marcantes: o meu primeiro arroz, duro e salgado, que me valeu uma bela surra; (hoje meu arroz é infalível, fica macio, com o sal no ponto e só me rende elogios...); mas como era duro ter que dar conta das tarefas escolares e domésticas ao mesmo tempo! Hoje eu entendo porque odeio passar roupas.

Era muito gostoso poder leva-las ou busca-las na escola, poder abraçar, beijar, apertar e rir com vocês. Hoje, para irmos ao supermercado e à farmácia, usamos máscaras, na volta as higienizamos, tiramos os sapatos para entrar em casa, lavamos as mãos diversas vezes ao dia e usamos álcool em gel, que passou a nos acompanhar por toda parte.

Com a tecnologia do celular e as chamadas por videoconferência posso manter minhas aulas de Pilates, com a professora instruindo, corrigindo as posturas e obrigando a realizar atividades físicas mesmo à distância. Posso também fazer aulas de yoga pelos vídeos do *YouTube*; e participar das reuniões semanais do grupo de



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

trabalho do Ideac, pelo *zoom*. Até o vovô começou a atender os clientes dele pelo *skype*. Lidar com esses aplicativos é super legal, nos desafia em todos os momentos, pois são novidades complexas.

Com mais horas vagas, o vovô descobriu a arte de fazer pão – um sucesso! Importante lembrar a vocês que o único espaço que Dona Lourdes – a sua bisavó que reinava soberana na cozinha – deixava para o vovô era apenas para ele fazer pipoca e café. Não sei se vocês se lembram, mas foi durante a quarentena que você, Stela, desenvolveu-se como *Master Chef* fazendo bolos e pães deliciosos, sem ajuda de adultos.

Com o avanço da Covid-19 já temos notícias de pessoas conhecidas que faleceram, entre elas um primo meu. É muito triste o que vemos nos noticiários: hospitais lotados, mortos sendo enterrados sem a presença da família. Acontece em toda parte, no mundo inteiro, por isso a situação foi chamada de pandemia.

As pessoas doentes sofrem muito pela falta de ar, pneumonia, e para melhorar elas precisam de respiradores artificiais. Mas, como são muitos os doentes, os hospitais não têm leitos, nem médicos, nem enfermeiros e aparelhos de respiração em número suficiente para atender tanta gente. As cenas que vemos na televisão nos deixam com uma sensação muito ruim de impotência. Quem tem acesso a hospitais particulares recebe melhor atendimento, como sempre foi, e aí as chances de cura são maiores.

Muitas campanhas para ajudar as pessoas mais pobres estão acontecendo. Os artistas estão fazendo shows, sem público, gravados e postados nas redes sociais, ou transmitidos ao vivo, para divertir as pessoas, enquanto orientam sobre a necessidade de se obedecer às medidas de segurança e angariam doativos para os necessitados. É bonito ver as doações de alimentos, máscaras e o espírito de solidariedade que se espalha por diversos cantos do

Rua Pamplona, 1326 – cj. 111 – 3885-0091 – www.ideac.com.br – cadastro@ideac.com.br



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

mundo. A gente sabe que ainda é pouco, muito pouco, pois são muitos anos de descuido com a saúde e a educação de muita gente, e só agora os governantes correm atrás do prejuízo, construindo hospitais de campanha, fornecendo cestas básicas e ajuda financeira para os desempregados. Mas ainda não é o suficiente. Quem sabe tudo isso possa servir para mostrar que o descuido com a saúde e a educação do povo custa muito mais caro na crise do que se fosse proporcionada a seu tempo, sem esperar por pandemias.

Não sabemos nada com segurança. É difícil não compreender o que está acontecendo, isto é, não ter clareza sobre a natureza deste vírus, nem como nos prevenir com segurança. Não se sabe se ele foi criado em laboratório intencionalmente ou se apareceu ao acaso. Alguns afirmam que foi criado na China e o governo comunista teria deixado seu próprio povo se contaminar e facilitado a disseminação para o mundo, a fim de deter um poder político e econômico. Essa possibilidade é terrível mas, quando vocês lerem esta carta, já poderão responder se isso foi verdade. Espero que essa hipótese não tenha passado de paranoia geral.

Numa guerra declarada, a gente conhece o inimigo, tem oportunidade de se prevenir e se defender. Mas, nesse estado de guerra em que lutamos contra a disseminação da Covid-19, só sabemos que é uma doença provocada por um vírus microscópico, invisível, desconhecido e que mata. Ele precisa do corpo humano (por enquanto não se sabe se é transmissível por animais), passa de um para outro através das gotículas que escapam pelos espirros, pela tosse e também pela fala. Algumas pessoas podem estar contaminadas sem saber, porque não têm sintomas, e vão contaminar outras, insidiosamente. Apenas isso é o que sabemos. Embora estejamos bem de saúde, não podemos ver e abraçar vocês, porque pode ser que eu, ou uma de vocês, seja essa pessoa que transmite a doença sem saber. Podem imaginar o quão horrível



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

é essa sensação? O pior momento para mim foi não poder abraçá-las quando vocês vieram “nos visitar”, depois de trinta dias sem nos ver, sendo que antes dessa pandemia estávamos juntas quase todos os dias; vocês e seus pais ficaram na calçada, distantes, com máscaras. Nos presentearam com um bolo de cenoura feito pela Stela, com cartões de Helena. Claro que fiquei feliz com a visita, mas com uma lacuna enorme no coração.

Nestes dias de isolamento social necessário, mas não da minha escolha – ao qual aderi por não ter opção melhor – os pensamentos que me assombram são atrapalhados e sem sequência; são alimentados por vídeos, mensagens de *WhatsApp*, *e-mails*, notícias de rádio e televisão. Todos dão mil receitas de como manter a saúde mental, como se distrair, como aproveitar o tempo dentro de casa de forma interessante, aumentar a imunidade, ter vida sexual ativa, não morrer de solidão, etc... Mas nenhum pensamento tem continuidade, nenhum se solidifica. Todos se dissolvem no ar e às vezes dá vontade de dar um soco no ar....

Paralelamente, muitos sentimentos e emoções me invadem; vão do desalento à fé, em segundos, como numa roda gigante. Dá muita raiva ver políticos usando a situação para se promoverem, brigando uns com os outros ao invés de se dedicarem a cuidar do povo. Aparecem sentimentos de tristeza muito grandes quando vemos as cenas das ruas mais famosas do mundo vazias, sem vida, tanto em São Paulo, como em Nova York, Paris, Londres e Roma. Nunca vou esquecer a imagem do Papa Francisco rezando a missa de Páscoa sozinho na imensa Praça de São Pedro deserta. Nem do tenor Andréa Bocelli, cantando sozinho na Catedral de Milão. Os grandes parques da Disney, no mundo todo, tanto quanto os nossos parquinhos nas praças públicas estão fechados. Dá muita tristeza.

Mas, minhas queridas Stela e Helena, eu tenho um recurso, um



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

segredinho que divido agora com vocês, que sempre me levanta e desanuvia a minha tristeza. Tenho fé, algo que tem me acompanhado durante toda a vida, e uma confiança inabalável na existência de um plano espiritual. Esses são os recursos internos mais seguros de que disponho para manter o meu equilíbrio físico, mental e emocional. Eu acredito num plano superior que ajuda a humanidade a evoluir e creio em intervenções divinas, como nas narrativas bíblicas. Essas narrativas contam que as ocorrências do dilúvio, os terremotos, os tsunamis e outros desastres naturais acontecem com o propósito de melhorar a vida da gente. Uma melhora no nível do burilamento espiritual.

Mas, a minha não é uma crença simples, uma fé cega. Minha fé foi sendo construída no decorrer dos anos e fundamentada em muitas experiências vividas, algumas felizes, algumas tristes. Foram muitas as vezes em que eu me deparei com a perda de entes queridos, sendo a morte prematura do seu tio Alexandre, meu filho, sem dúvida a perda crucial que me levou a testar a minha fé. O estudo das teses espíritas através de palestras, leituras e conversas e as práticas de passes e orações me tiraram da angústia e me devolveram o sentido de viver.

Essa pandemia começou logo depois da morte de meu irmão, Sidney, seu tio-avô e pai da Fernanda e do Vinicius, ocorrida em janeiro deste mesmo ano. O sofrimento com sua doença durou mais de um ano e me esgotou muito, tanto física como emocionalmente. Se, após essa perda, eu tivesse que encarar na sequência a pandemia, sem tomar um fôlego, não sei como estaria hoje. Entretanto, ganhei esse fôlego, o qual chamo de um grande presente de meus anjos da guarda. Esse presente foi uma viagem à Índia, com dois grandes amigos, a Sônia e o Jader, durante a qual eu pude me reconectar mais assiduamente com a espiritualidade. Retomei as práticas de meditação, voltei a beber na fonte divina e me



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

abastecer espiritualmente. O contato com os hindus e sua serenidade, sua atitude otimista diante da vida, me encorajaram a encarar esta ameaça pandêmica com grande redução do índice de ansiedade. Ansiedade que me atormentou durante todo o ano de 2019.

Por conta dessa quarentena fomos obrigados a abortar o projeto de mudança de casa para a Rua Catão, na Vila Romana. As ações de reforma do apartamento novo foram interrompidas, e a incerteza da data de retomada me aborrece. Eu quero muito essa mudança de residência, há muito tempo. A casa da Rua Caiuby foi adquirida para abrigar uma família de seis pessoas, isso mesmo, éramos seis, como no romance de Madame Leandro Dupré, mas hoje somos apenas duas irmãs. O grande vazio foi provocado pelas ausências do Alexandre, de minha mãe e agora, bem recente, do Sidney. Quando o pai de vocês, Fernando, saiu de casa, não doeu, nadinha, porque a sua saída foi por um ótimo motivo: casar e realizar-se como homem. A sua ausência física é preenchida pelo amor construído num lar feliz, com sua mãe, Patrícia, e com a vinda de vocês. A alegria de ter vocês são uma garantia de minha sobrevivência. Enfim, essa nossa casa traz muitas lembranças boas e tristes. Mas, as tristes me incomodam e não as quero mais.

Essa quarentena não me trouxe prejuízos materiais, até o momento, pelo menos. Pelo contrário, o fato de não poder ir ao *shopping* e aos restaurantes traz até certa economia,

O isolamento social durante a pandemia do coronavírus é uma medida necessária para conter o número de doentes nos hospitais. Nenhuma cidade do mundo parece estar preparada para atender aos casos que brotam exponencialmente numa pandemia. Porém há controvérsias sobre a duração de uma paralisação do comércio e serviços. Os prejuízos econômicos para as empresas são ainda



Instituto para o Desenvolvimento Educacional, Artístico e Científico

incalculáveis enquanto que para os trabalhadores já são visíveis. A situação parece ser ainda sem saída, uma encruzilhada. Se ficarmos parados por muito tempo o país morre, e, se não pararmos, as pessoas morrem.

Quando essa quarentena acabar, penso que algumas coisas serão diferentes, não só para mim, mas para todos. A experiência é inédita, fica a dúvida: como será depois? Não sei, mas sinto que algumas coisas serão diferentes. São tantas as reflexões provocadas pelo isolamento! Por um lado, as perdas de entes queridos por muitos vão trazer vazios irreparáveis; por outro lado, teremos boas consequências. Por exemplo, as mudanças climáticas são sentidas desde já, porque o ar está mais limpo, sem tantos veículos nas ruas há menos poluição; as pessoas constataam que conseguem viver sem tanto luxo ou comodidades. Há pessoas com muito dinheiro que morreram por falta de ar, que é gratuito...

Ao escrever esta carta para que vocês, minhas queridas netas Helena e Stela, a recebam como um legado quando a lerem no futuro, cresce em mim a esperança de que tudo isto que passamos tenha servido mesmo para melhorar a condição humana.

Desejo que vocês estejam vivendo num mundo com menos egoísmo e mais justo do que o meu.

Sua avó, Cleide.
